

Apoio recíproco para vaga na ONU

O presidente Fernando Henrique Cardoso desembarcou no aeroporto de Haneda, pontualmente, às 19h50 de terça-feira (9h50, hora de Brasília), com dois compromissos políticos muito importantes na agenda: um banquete oferecido pelo imperador Akihito, no Palácio Imperial, e uma reunião privada com o primeiro-ministro Ryutaro Hashimoto, com quem conversará sobre o apoio recíproco do Japão e do Brasil em suas candidaturas a uma vaga no Conselho Segurança das Nações Unidas (ONU).

Para o Brasil, essa vaga é importante para caracterizar uma posição de destaque no contexto da América Latina e para um degrau a mais no seu status internacional. Para o Japão, significa uma mudança de postura: até aqui, todas as energias japonesas foram concentradas na transformação de potência econômica; a partir de agora, a intenção é equilibrar essa importância econômica com uma posição política mais agressiva no cenário internacional.

Os principais opositores do objetivo de ambos os países são seus vizinhos mais próximos. No caso do Brasil, a Argentina que não quer ver diminuída sua posição no continente. No do Japão, os países asiáticos – em especial a Coreia – que não assimilaram ainda a falta de uma retratação japonesa à altura de sua participação na Segunda Guerra Mundial.

Num outro campo, os dois países tentam também uma reciprocidade: o Brasil apóia a pretensão de Tóquio de sediar a Copa do Mundo de futebol em 2002, enquanto o Japão dá seu apoio à realização das Olimpíadas de 2004 no Rio de Janeiro. O jogador Zico está na comitiva oficial.

Além dos encontros protocolares, Fernando Henrique também receberá grandes empresários japoneses para encontros separados no Palácio de Akasaka, onde a comitiva brasi-

leira está hospedada. Na lista, os presidentes da Sony, Norio Ooga; da Honda, Nobohiko Kawamoto; e da Itochu, Minoru Murofushi.

“As oportunidades de investimentos são altamente promissoras. E nós temos o maior interesse em que os fabricantes de carros japoneses se instalem no Brasil”, disse o ministro do Planejamento, José Serra, destacando “a complementariedade” dos interesses dos dois países: o Brasil, produtor de matéria-prima e carente de tecnologia; o Japão carente de matéria-prima e exportador de tecnologia. Além dele, participam da comitiva presidencial os ministros Sérgio Motta, das Comunicações; Dorothea Werneck, da Indústria, do Comércio e do Turismo; e o chanceler Luiz Felipe Lampreia, além dos governadores Tasso Jereissati (CE) e Siqueira Campos (TO).

A agenda de trabalho inclui também visitas, como discursos, na Dieta, o Parlamento japonês, no Keidanren, a confederação da indústria do país, e no Clube Nacional de Imprensa. E haverá espaço para uma conversa com representantes da comunidade brasileira no Japão, à frente os “dekasseguis”.

Como atividades paralelas, foi instalada na terça-feira uma feira de produtos alternativos que empresas privadas e públicas de nove estados querem exportar para o Japão, como granitos, gengibre, própolis, e será aberto hoje um seminário sobre oportunidades de investimentos no Brasil, com projetos nas áreas de turismo e agroindústria.

“O modelo agora é outro. Nosso interesse não é mais na área estatal, como foi nas décadas passadas, com o minério de ferro, por exemplo, mas sim nas relações comerciais privadas”, resumiu o ministro do Planejamento.

(E.C.)